OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº602
20 de novembro a 03 de dezembro
Ano 23

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional

ELEIÇÕES

UM BALANÇO DO PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES



Eleições foram marcadas por derrota de Bolsonaro e aumento da abstenção Páginas 7 e 8

PSTU apresentou alternativa revolucionária e socialista, enfrentando poder econômico e regras antidemocráticas Páginas 9 e 10

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

VAMOS DIZER NÃO AO DESEMPREGO, À FOME E AO O PACOTE DE MALDADES DO GOVERNO



É preciso começar a organizar a luta em defesa da vida, do emprego, da renda, do salário e da soberania, contra o pacote de maldades que Bolsonaro, Congresso e governadores.

Páginas 11 e 12

SEGUNDA ONDA

CASOS DE COVID-19 DISPARAM DE NOVO NO BRASIL



Bolsonaro chama segunda onda de "conversinha" e governadores não fazem nada para deter nova catástrofe

Página 6

PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



“Tem que deixar de ser um país de maricas.”

Bolsonaro, sobre brasileiros que temem a COVID-19. Segundo o presidente miliciano, “tudo agora é pandemia, tem que acabar esse negócio, pô!”.

TRUMP

Entre uma sex shop e um crematório

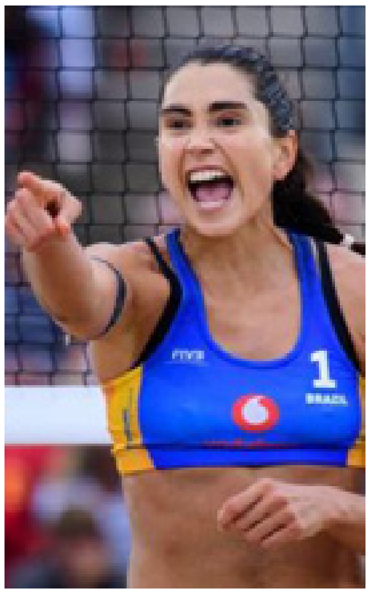


Assim foi a última entrevista coletiva da campanha de Donald Trump na cidade da Filadélfia, nos Estados Unidos. No dia 7 de novembro, a campanha à reeleição de Trump marcou uma entrevista coletiva para falar sobre a batalha judicial que o presidente empreende contra a vitória de Joe Biden. O lugar chamou a atenção de todos os jornalistas: um estacionamento ao lado de uma sex shop, de frente para o Delaware Valley Cremation Center, um crematório. Por que um lugar tão insólito para realizar a coletiva? Na verdade, a campanha de Trump errou. Pensou que havia reservado uma sala no luxuoso hotel Four Seasons, mas acabou reservando o estacionamento de uma loja de paisagismo chamada Four Seasons Total Landscaping Idade. O vexame ocorreu na Pensilvânia, o estado americano que acabou sendo decisivo para a derrota de Trump. É óbvio que o episódio ganhou o país e virou piada nas redes sociais. “Eu poderia escrever piadas por 800 anos e jamais pensaria em algo mais engraçado do que Trump agendando o Four Seasons para sua grande entrevista, e no fim sendo o estacionamento da Four Seasons Total Landscaping, entre uma loja de vibradores e um crematório”, disse o roteirista de humor Zack Bornstein.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Carol Solberg é inocentada

A jogadora de vôlei Carol Solberg ganhou os noticiários quando gritou “Fora, Bolsonaro!” em entrevista ao canal SporTV após uma partida. No mesmo dia da manifestação, a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) se pronunciou dizendo que o torneio “não poderia ser manchado por um ato totalmente impensado praticado pela atleta” e que tomaria as medidas cabíveis para que “fatos como esse não voltassem a ser praticados”. Em menos de uma semana, Carol se tornou protagonista de uma denúncia apresentada ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) do vôlei movida pela procuradoria do órgão. O texto pedia que a jogadora recebesse penalidade máxima: uma multa de R$ 100 mil e suspensão por seis torneios. No julgamento, Carol foi punida com multa convertida em advertência. No final da audiência, os auditores ainda deixaram explícito que ela não pode voltar a se manifestar politicamente na quadra. Foi um ato de censura que indignou todos que acompanham o esporte e lutam pelo direito à liberdade de expressão. No entanto, o caso não encerrou com a primeira decisão judicial como esperavam muitos cartolas bolsonaristas. No dia 16, o Tribunal Pleno do STJD do vôlei inocentou a atleta. O placar final ficou apertado em 5 a 4 pela derrubada da punição. De qualquer forma, foi uma vitória de todos que defendem a liberdade de expressão no esporte e mais uma derrota de Bolsonaro e seus amigos cartolas.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Começar a preparar o terceiro turno

Haverá segundo turno das eleições em 57 cidades no próximo dia 29, incluindo 18 capitais. Esperamos que Bolsonaro e os capitalistas saiam mais debilitados e divididos. Porém, terminadas as eleições, o futuro reservado para os trabalhadores, a juventude e a população pobre será ainda pior.

Nestas eleições, o PSTU defendeu a construção de uma alternativa revolucionária e socialista. Com uma campanha junto aos setores mais explorados e oprimidos da classe trabalhadora, nas periferias e ocupações, defendeu um programa emergencial para a crise, alertando que nenhuma mudança de fato virá por dentro do sistema capitalista.



CRISE CAPITALISTA E SEGUNDA ONDA DA PANDEMIA

Daqui a pouco mais de um mês, o auxílio emergencial, que já foi reduzido pela metade, vai simplesmente terminar, deixando mais de 40 milhões de pessoas entregues à miséria absoluta. O governo bate cabeça para encontrar alguma medida paliativa que conserve pelo menos parte da popularidade de Bolsonaro para sua reeleição em 2022. Contudo, se houver, será algum auxílio muito menor, custeado por outros ataques à classe trabalhadora, ou por empréstimo da Caixa Econômica Federal que, além de não resolver nada, vai endividar milhões de pessoas e, de novo, como o crédito consignado, vai enriquecer banqueiros.

O corte do auxílio emergencial acontece num momento de alta recorde do desemprego, de inflação dos alimentos e produtos básicos sem data para terminar e da volta do flagelo da fome. Grande parte dos trabalhadores que conseguiram manter seus empregos, e tiveram redução de salários para preservar o trabalho, já terão o 13º cortado pela metade, salvo os que conseguiram manter o benefício no contrato coletivo. Os aposentados, por sua vez, nem terão o 13º, porque já foi antecipado.

Além disso, antes mesmo do segundo turno, o país já começa a viver uma segunda onda da COVID-19, cuja contaminação escapa do controle em várias regiões. Hoje, o agravamento da pandemia seria muito mais catastrófico do que foi lá atrás.

PACOTE DE MALDADES

Junto a isso, Bolsonaro, com o Congresso Nacional e os governadores, prepara um pacote de maldades. Estão engatilhadas uma reforma administrativa, que vai atacar os servidores de forma dura, principalmente os que mais ralam e ganham menos (juízes, cúpula militar e legislativo continuarão intocados com seus privilégios indecentes), além de uma nova rodada da reforma trabalhista, incluindo a famigerada carteira verde-e-amarela.

É um pacotaço para preservar os lucros dos banqueiros e dos grandes empresários. Governo, burguesia e imperialismo querem consolidar um novo grau de exploração, assim como colocar a entrega do país num novo patamar com a venda de estatais como Correios e Eletrobrás. Isso vai fazer com que país viva o que o Amapá vive hoje, com o sistema elétrico privatizado. Afinal, privatização é isso: você paga mais e fica no escuro.

Aprofunda-se, também, a completa destruição do meio ambiente, a queima da Amazônia e do Pantanal e a ofensiva contra as populações indígenas, os ribeirinhos, os sem-terra e os quilombolas.

FORA BOLSONARO E MOURÃO! ORGANIZAR A LUTA

É preciso desde já organizar a luta contra os ataques e em defesa da vida, dos empregos, dos salários, da renda e da soberania.

Lutar pela manutenção o auxílio de R$ 600 enquanto durar a pandemia; pela proibição das demissões; pela redução da jornada sem redução do salário para que todos trabalhem; e investimento em saúde, com estatização da rede privada e testagem em massa.

É necessário impedir esse pacote de maldades e exigir que se tire dos ricos para garantir nossos empregos, direitos e salários. Impedir as privatizações e lutar pela reestatização das que foram privatizadas sob o controle dos trabalhadores. Exigir a taxação das grandes fortunas e a cobrança das dívidas dos bancos e das grandes empresas. Temos de lutar para arrancar Bolsonaro e Mourão de lá, condição inicial para que nossas pautas avancem.

É preciso ainda combater o racismo, o machismo, a LGBTfobia e a violência policial. Promover o PM que matou e arrastou o corpo de Cláudia Ferreira no Rio é uma afronta.

Nesse sentido, temos de organizar a resistência e o enfrentamento e fazer avançar a organização de base e a auto-organização da classe trabalhadora e dos setores populares, sem deixar de exigir de todas as organizações dos trabalhadores que se coloquem a organizar essa resistência e esta dispostos a, se não fizerem, na medida das forças da classe, trabalhar para remover esses obstáculos. As candidaturas no segundo turno devem ser cobradas: estão a favor ou contra-atacar os servidores, os serviços públicos e os aposentados e acabar com o auxílio emergencial para beneficiar os bilionários?

Sobretudo, é preciso, construir uma alternativa revolucionária e socialista nesse processo de luta, pois o capitalismo, seus governos e sua institucionalidade só têm a oferecer desemprego, fome, morte pela pandemia e barbárie.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2IS3AX5

SOS AMAPÁ

Fortalecer a solidariedade ao povo do Amapá



WELLITON BRASIL,
DE MACAPÁ (AP)

Um apagão deixou a população do Amapá sem energia elétrica e água nas últimas semanas por conta de um incêndio na subestação no dia 3 de novembro.

Além da falta de energia, os amapaenses sofrem com o descaso e o abandono do governo. Até o momento, o presidente Jair Bolsonaro não colocou os pés no Estado; não foi saber de perto o que está ocorrendo, agindo com total desprezo com a população.

A solidariedade está sendo organizada por entidades sindicais que se preocupam com a situação na qual o povo pobre se encontra, pois são esses os que mais têm sofrido com o apagão, já que a burguesia tem gerador de energia em casa e água extraída de poços artesianos.

A CSP-Conlutas, junto com outras entidades sindicais, está organizando uma ampla campanha de arrecadação solidária para as famílias do Amapá. A iniciativa, até o momento, além da CSP-Conlutas, inclui o Andes-SN, a Adufpa, o Sindufap e o Sinstaufap. A iniciativa seguirá aberta para adesão de entidades interessadas em reforçar o apoio à população amapaense.

COMBATER A VIOLÊNCIA POLICIAL

Devido à situação de calamidade, abandono e falta de perspectiva diante do caos, a população do Amapá, principalmente dos bairros periféricos, tem realizado manifestações. Os protestos precisam ser fortalecidos, direcionados ao enfrentamento contra os governos e à empresa privada, que são os responsáveis por essa crise. Em vez de ouvir e atender as reivindicações da população, a resposta dos governos tem sido a repressão com uso de um forte aparato militar.

O professor Fausto foi atingido por duas balas, na noite do dia 5, quando participava de um protesto. "O apagão teve início logo após que nossa bebê nasceu e tínhamos acabado de voltar para casa. Ficar sem água e energia já é uma situação difícil para pessoas adultas, imaginem com um bebê em casa. Ficamos sem ter condições básicas de conforto à criança. Isso é que dói mais", desabafou ele ao Opinião Socialista.

Fausto e sua companheira receberam apoio de uma amiga que tem poço em casa. "Estávamos na casa da nossa amiga, não tínhamos a noção de tempo, os celulares descarregados, não sei a hora exata da noite. Mas Ouvimos na rua alguém gritando, dizendo que estava tendo protesto. Fomos pra lá, engrossar o caldo e gritar contra tudo isso que está acontecendo", contou.

"A polícia chegou rapidamente, sem conversa, e imediatamente desceu atirando para todos os lados. Eu fui atingido duas vezes: uma na mão, outra no cotovelo; ambos no braço direito", relatou ainda. "Em meio ao tiroteio, ouvi um grito: 'acertaram meu filho, acertaram meu filho'. Era um grito estridente, de dor e revolta. Eu ouvia as balas passando perto de mim. De repente senti que também tinha sido atingido. A manifestação foi se dispersando, não tínhamos como revidar tiros com palavras. Ferido, voltamos para casa da nossa amiga, e mais carros da polícia estavam chegando. A situação era tensa."

As manifestações seguem acontecendo, pois a população continua sofrendo com os apagões, sem receber a ajuda necessária dos responsáveis pelo caos no qual foi inserida. O PSTU apoia e é parte da luta. O partido tem um programa para defender os trabalhadores e o povo pobre do Amapá frente à crise.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2IVEZOZ



ESTATIZAÇÃO SEM INDENIZAÇÃO JÁ!

Caos é resultado da privatização

A crise humanitária que atinge o Amapá é resultado direto da privatização do sistema elétrico. A operadora da linha de transmissão que atende o estado é a espanhola Isolux Corsán, responsável por ligar a região à Usina Hidrelétrica de Tucuruí desde 2015. A empresa mudou de nome para Gemini Energy num processo de recuperaçao judicial.



DA REDAÇÃO

A subestação atingida por um incêndio no dia 3 de novembro é operada pela Linhas de Macapá Transmissora de Energia (LTME) e devia ter três transformadores prontos para levar energia ao Estado. A Gemini Energy detém 85,04% de participação na linha; 14,96% são da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), autarquia do governo federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR).

O incêndio atingiu um transformador da subestação, levando a uma queda de energia. O apagão atingiu 13 dos 16 municípios do estado, afetando 765 mil pessoas. O estado do Amapá tem cerca de 860 mil habitantes segundo projeção do IBGE para 2020. De acordo com o Ministério de Minas e Energia, 85% dessa população foi afetada, ou seja, cerca de 730 mil pessoas.

A subestação de energia do Amapá tem três transformadores. Segundo o jornal O Estado de S. Paulo, um deles foi atingido diretamente pelo fogo. Outro acabou danificado, e o terceiro nem estava em funcionamento, pois passava por manutenção.

A empresa responsável pela subestação levou quase um ano para enviar para conserto um transformador que estava inoperante. Com problemas desde dezembro, o contrato de reparo do equipamento foi assinado em setembro, mas o transporte do transformador até Santa Catarina, onde será feita a manutenção, começou apenas no último domingo, 15 de novembro.

A demora do retorno da energia é porque a empresa não consegue trocar o transformador que pegou fogo, pois não tem um gerador substituto nem peças de reposição. O sucateamento, o caos e o descaso na manutenção da subestação é resultado da privatização das empresas de energia elétrica estaduais. A Gemini Energy está preocupada apenas com o lucro. O apagão é um alerta sobre o que acontece quando serviços estratégicos e fundamentais à população são privatizados.

É preciso prestar toda a solidariedade à população do estado. As organizações dos trabalhadores devem





estar solidárias ao povo do Amapá, denunciar o caso e exigir que o Governo Federal, o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal (STF) e todos os estados resolvam imediatamente a situação, usando os recursos que forem necessários, tirando dos lucros das empresas privadas que formam esses consórcios e dos banqueiros acionistas.

Já a empresa Gemini Energy deve ser punida de forma severa. Tem de ser obrigada a devolver cada centavo do prejuízo que causou, estatizada e colocada sob o controle dos trabalhadores.

COVID-19

Segunda onda da pandemia avança no mundo inteiro

DA REDAÇÃO

No dia 18 de novembro, foi registrado um novo recorde mundial de mortes diárias pela COVID-19. Foram 11.099 óbitos segundo monitoramento da Universidade Johns Hopkins (EUA). O aumento é uma evidência da segunda onda da doença que vem tomando o mundo, sendo resultado da liberação das atividades em praticamente todos os países. Essa segunda onda, combinada com a total falta de ação dos governos, vai aumentar esse triste recorde nos próximos dias.

Até o momento, os óbitos por COVID-19 já somam mais de 1,3 milhão de registros no planeta. Os países com mais óbitos são Estados Unidos (249 mil), Brasil (168 mil), Índia (130 mil), México (99 mil) e Reino Unido (52 mil) de acordo com o levantamento da universidade.

Nos Estados Unidos a segunda onda de contaminação tem assustado especialistas. Demorou pouco mais de duas semanas para o país passar de oito milhões de casos para nove milhões em 30 de outubro. E levou apenas uma semana para passar de nove milhões a 10 milhões de casos. Os mais atingidos são os latinos, que têm a taxa mais alta de hospitalizados (4,2 vezes a taxa de brancos) e negros (3,9 vezes a taxa de brancos) de acordo com dados dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças.

Por lá, a situação é dramática. Os casos aumentam durante o verão na esteira da política negacionista de Trump. Se o governo do país já minimiza a gravidade da pandemia, depois da derrota eleitoral ele nem sequer comenta o assunto. Enquanto isso, a saúde do país mais rico do mundo entra em colapso, pois não existe um sistema público.



LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3PJVAMO

NOVA CATÁSTROFE

Segunda onda chega ao Brasil, e Bolsonaro diz que é “conversinha”



O Brasil também já está na segunda onda de COVID-19 segundo muitos especialistas. Em todo o país, registra-se um súbito aumento de ocupação de leitos em hospitais, como atestam os relatos de muitos profissionais de saúde em redes sociais.

No Brasil, a taxa de contaminação aumentou de 0,68 para 1,12 em 16 de novembro de acordo com o Observatório de Síndromes Respiratórias da Universidade Federal da Paraíba. Isso significa que 100 pessoas infectarão outras 112, que, por sua vez, infectarão outras 125. Assim, a epidemia brasileira cresce de forma exponencial. A situação mais crítica é no Paraná, onde a taxa é de 1,62.

A taxa de contaminação atingiu seu menor índice em 6 de novembro, com 13.644 novos casos. Porém voltou a subir, e a média móvel ficou em 28.425 novos casos no dia 16, um aumento de 208% em dez dias. Esse número pode ser bem maior, pois, desde meados de setembro, a subnotificação vem agravando-se, porque estão sendo feitos menos testes.

Enquanto isso, Bolsonaro chama os brasileiros de “maricas” que não “enfrentam” a doença e diz que a segunda onda é “conversinha”.

No dia 18 de novembro, o Ministério da Saúde apagou uma postagem em sua conta no Twitter, na qual recomendava que a “maior ação” contra o vírus é o isolamento social e a adoção de medidas de proteção individuais. Uma evidente ação de censura feita pelo governo.

Bolsonaro é um traste assassino que, a exemplo de Trump, nada fez e nada vai fazer para conter a nova onda de contaminação que vitimará milhares de brasileiros, sobretudo a população mais pobre e vulnerável. O aumento dos casos de contaminação e de mortes é de sua responsabilidade.

Bolsonaro nunca esteve preocupado com o emprego dos trabalhadores, mas sim com os empresários. Mas o governo nunca criou um programa que proibisse as demissões, cortou o auxílio emergencial pela metade e vai acabar com ele em janeiro. Também aprovou uma série de medidas para manter os lucros das empresas enquanto criticava o isolamento social, mandando os trabalhadores para o abate. Foi assim que 42 bilionários brasileiros aumentam sua fortuna em US$ 34 bilhões durante pandemia.

Contudo, Bolsonaro não é o único responsável. Governadores e prefeitos nunca adotaram medidas para um real controle da pandemia. Pelo contrário, flexibilizaram as medidas de isolamento social, incluindo medidas de retomada das aulas, o que está gerando uma sobreposição entre as ondas de contágio.

Em São Paulo, por exemplo, o prefeito Bruno Covas (PSDB) liberou as aulas nas escolas particulares no dia 3 de novembro. Mesmo realizando poucas atividades, com máximo de 20% dos estudantes por turma, as escolas voltaram a fechar no dia 18 após a contaminação de estudantes e professores. Isso serve de alerta para a população. Passadas as eleições, os governos tentarão reabrir as escolas, apesar de a maioria da população ser contrária à medida.

A segunda onda da pandemia chega ao Brasil sem que nenhum governo tome alguma medida de urgência para detê-la. Os casos de contaminação e de morte crescem na esteira da demagogia assassina de Bolsonaro e dos governadores, além do oprotunismo eleitoral dos prefeitos.

Está claro que o aumento dos casos exigirá medidas de isolamento social e uma nova quarentena. Mas essa medida encontra resistência por parte dos governos. Não há plano para enfrentar a nova onda de contaminação que poderá ser ainda mais catastrófica. Mais do que nunca é necessário defender a vida, garantindo uma quarentena para valer, mediante um plano que garanta renda e emprego, além de manter o auxílio emergencial de R$ 600.

BALANÇO

Eleições marcam derrota de Bolsonaro e aumento da abstenção

Marcadas pela pandemia e pelo aprofundamento da crise econômica e social, eleições refletem, ainda que de forma distorcida, retrocesso do bolsonarismo e desgaste da democracia burguesa.

DA REDAÇÃO



LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/38YX6QW

O primeiro turno das eleições municipais significou uma evidente derrota de Bolsonaro. Essa é uma das principais conclusões que se pode tirar do resultado que saiu das urnas no dia 15 de novembro. Dos 13 candidatos a prefeito que Bolsonaro propagandeou em suas lives, nove não se elegeram. Só um foi eleito, na cidade mineira de Ipatinga. Dois foram ao segundo turno, ambos em segundo lugar: Marcelo Crivella (Republicanos), no Rio, e Capitão Wagner (PROS), em Fortaleza.

O caso mais emblemático foi o de Celso Russomano (Republicanos) em São Paulo. Dos 30% que contava na largada da campanha, o candidato apoiado por Bolsonaro terminou a votação com pouco mais de 10,5%. Russomano não só perdeu pela terceira vez consecutiva, como esse foi seu pior resultado em eleições municipais. Carlos Bolsonaro (Republicanos), filho do presidente, vereador no Rio e eminência parda de Bolsonaro nas redes sociais, reelegeu-se, mas com uma votação muito inferior à de 2016.

O desastre que se anunciava momentos antes da votação fez com que Bolsonaro apagasse um post no qual indicava seus candidatos. Porém não deu tempo, e os candidatos mais associados ao bolsonarismo, nas maiores cidades e capitais, em geral se deram mal.

Ainda que se tente relativizar a derrota do governo pelo crescimento dos votos no PSL, turbinado pelo fundo eleitoral angariado pela leva de deputados eleitos com a onda bolsonarista de 2018, ou os votos do centrão, a verdade é que 2020 viu essa onda da extrema direita quebrar na praia.

DESGASTE DO GOVERNO

As eleições são um espelho distorcido da realidade, mas em seu reflexo pode-se vislumbrar movimentações e tendências importantes que ocorrem. Assim, a derrota eleitoral do bolsonarismo reflete, de certa forma, o desgaste com a situação do país, o seu negacionismo perante à pandemia e recentemente contra a vacina e também o desgaste em relação ao corte do auxílio emergencial pela metade.

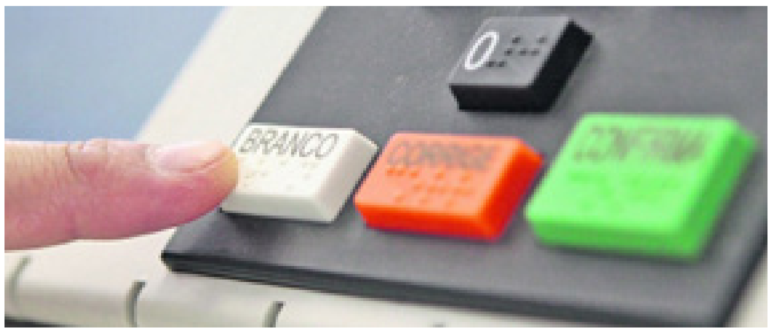
A maré parece estar mudando, e Bolsonaro vê a recuperação de popularidade, que havia conquistado como subproduto do auxílio e certa narrativa sobre a pandemia, corroer-se. A última pesquisa Datafolha, do dia 7 de novembro, mostra uma queda importante de sua popularidade em algumas capitais: 4% em São Paulo; 3% no Rio de Janeiro; e 5% em Belo Horizonte.

Isso não significa que já seja um governo na lona ou abaixo do volume morto. Ele é ainda capaz de despejar, com apoio do Congresso Nacional e do grosso da burguesia, todo o seu pacote de maldades sobre a cabeça dos trabalhadores e dos mais pobres, tão logo termine as eleições (Leia nas páginas 10 e 11).

Contudo, essa derrocada é importante. É preciso, porém, retomar a luta para derrotar esse governo e seus ataques. Seu amigo Trump foi derrotado, antes de tudo, pela rebelião detonada a partir do assassinato de George Floyd. Aliás, a derrota de Trump e da direita na Bolívia também sopraram e continuam soprando por aqui.

ABSTENÇÃO

O "não voto" ganhou nas principais cidades



Além da derrota eleitoral de Bolsonaro, essas eleições foram marcadas pelo grande índice de abstenção. Nacionalmente, a média foi de 23,14%, bem maior que nos anos anteriores. A pandemia certamente influiu nesse resultado. Porém a tendência observada nas últimas eleições, de uma alta sustentada, indica que não foi um ponto fora da curva, mas mostra um número cada vez maior de pessoas que simplesmente não saíram para votar, uma expressão do desgaste da democracia burguesa.

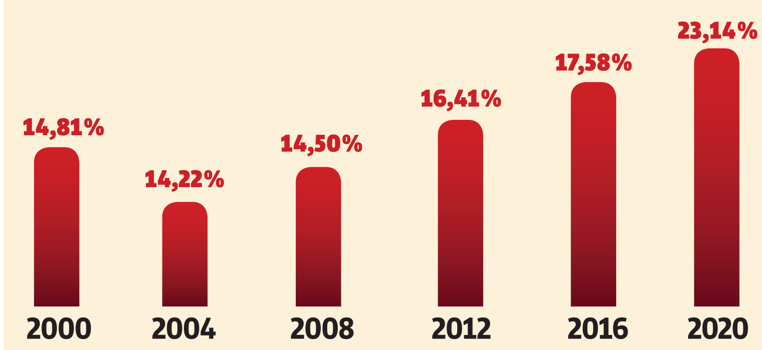
Esse é um processo que se observa principalmente nas grandes cidades e capitais. Em São Paulo, por exemplo, a abstenção chegou a 2,6 milhões, quase 30% do eleitorado. É quase que a soma dos votos dos dois candidatos que foram ao segundo turno, Bruno Covas (PSDB) e Guilherme Boulos (PSOL). Somando nulos e brancos, esse índice chega a 45,27%. O fenômeno se repetiu em outras 456 cidades, onde o número de abstenções, brancos e nulos também superaram a votação dos dois candidatos melhor colocados, incluindo outras capitais, como Porto Velho, Palmas, Natal, João Pessoa, Curitiba, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Goiânia.

Ainda que não seja um salto, esses números mostram que há descrédito e uma menor expectativa de mudanças por via dessas eleições de cartas marcadas controladas por campanhas bilionárias e pela burguesia, mesmo que, por ora, isso não se reflita em voto de protesto em candidaturas revolucionárias, ou mobilizações.

MAIORES ÍNDICES DE ABSTENÇÃO

Porto Alegre:	33,08%
Rio de Janeiro:	32,79%
Curitiba:	30,18%
Goiânia:	30,72%
São Paulo:	29,29%

ABSTENÇÕES NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS



DIREITA

Voto defensivo e fragmentação da ultradireita e da direita

Ao contrário de 2018, quando a onda que deu a vitória a Bolsonaro permitiu que vários políticos surfassem no processo, desde o atual governador de São Paulo, João Doria (PSDB), com seu "bolsodoria", passando pelo então desconhecido Wilson Witzel (PSC), no Rio de Janeiro, desta vez o presidente não só não conseguiu puxar votos como se transformou num fardo do qual seus aliados logo tentaram se desvencilhar.



O que se viu foi uma fragmentação da ultradireita e da direita tradicional, passando pelos partidos da oposição parlamentar, com o enfraquecimento do PT em sua localização de partido hegemônico na oposição parlamentar, e o avanço eleitoral do PSOL, ocupando parte desse espaço.

FRAGMENTAÇÃO DA DIREITA E DA ULTRADIREITA

A perda da influência de Bolsonaro se refletiu primeiro no fiasco da legalização de seu próprio partido, o Aliança pelo Brasil. Sem ele, ensaiou uma reaproximação com sua antiga sigla, o PSL, e viu os votos da ultradireita, e de parte da direita tradicional, que compõem o que a imprensa chama de centrão, espraiarem-se.

Analisando a votação em termos absolutos, muitos dizem que há um fortalecimento da ultradireita e da direita. O PSL, por exemplo, triplicou o número de prefeituras, bem como o também bolsonarista Avante. Ambos, porém, em cidades pequenas, nos grotões do país. O PSL, por exemplo, foi um dos partidos que elegeu menos candidatos proporcionalmente, tendo destaque o completo fiasco da candidatura milionária de Joice Hasselmann em São Paulo.

Já MDB, PSDB e PTB perderam votos e prefeituras. Nas capitais, que determinam a dinâmica do processo, quem registrou importante avanço foi o DEM, que já levou três (Salvador, Florianópolis e Curitiba) e pode levar outras duas, incluindo o Rio de Janeiro.

Isso não expressa, porém, um avanço da direita ou do centrão, muito menos uma volta à "moderação" como muitos analistas da burguesia descrevem, mas uma substituição da polarização entre PT e o PSDB em 2018. Isso se dá muito mais pelo enfraquecimento desses setores do que pelo fortalecimento de algum movimento ou alternativa de centro.

UM VOTO DEFENSIVO NUMA CONJUNTURA DE REFLUXO

De forma geral, o que se viu no primeiro turno foi uma espécie de voto defensivo. Numa conjuntura marcada pela pandemia, pela crise econômica e social com a explosão do desemprego, mas marcada também pela ausência de lutas, numa eleição morna, votou-se para que as coisas não piorassem. Dessa forma, ganharam votos principalmente aqueles prefeitos que a população avaliou como tendo uma gestão "responsável" frente ao negacionismo genocida de Bolsonaro. Todavia essa não é toda a realidade, já que muitos disfarçaram ou pelo menos não desrespeitaram os mortos ou chamaram a pandemia de "gripezinha". Porém, de forma geral, tanto prefeitos quanto governadores acabaram seguindo a política de "liberou geral" do presidente.

Isso se refletiu no aumento da taxa de reeleição de 63% dos prefeitos pelo país contra 46% em 2016. Nas capitais, seis das sete eleições que terminaram no primeiro turno deram a vitória a prefeitos que disputaram a reeleição ou a vices que estavam no cargo.

Por isso, afirmamos que garantir a eleição de prefeitos e de vereadores do PSTU fortalece a luta e organização da classe trabalhadora.

Mas o PSTU não pede só o voto dos trabalhadores. Queremos também que os trabalhadores – do campo e da cidade – e os jovens que concordam com nossas ideias, com essa necessidade de transformação mais de fundo da sociedade, nos ajudem a avançar na construção de uma organização, que vá direcionar a luta rumo ao socialismo: essa organização é o partido revolucionário.

Essa ferramenta precisa ser construída desde agora. Precisamos fazer crescer o PSTU. Estabelecer laços do partido nos centros políticos, nos centros econômicos e populacionais mais importantes do país. Estabelecer laços com um amplo setor da população para, quando essa revolta ocorrer, possamos canalizar para uma revolução que vá transformar o país. Por isso, votar no PSTU, hoje, é fortalecer esse projeto.

ESQUERA PARLAMENTAR

PSOL cresce, ocupa parte do espaço do PT, mas avança rumo à adaptação institucional

Embora o PT tenha recuperado parte do espaço perdido no auge da crise do partido em 2016, essas eleições marcam a perda da sua hegemonia no campo da esquerda parlamentar, com resultados pífios nas capitais, sobretudo em São Paulo, onde a candidatura de Jilmar Tatto não só deixou o partido fora do segundo turno pela primeira vez em 35 anos, como teve sua pior votação, terminando com 8,6%, em sexto lugar.

Ainda que continue sendo o partido com peso e o maior de oposição parlamentar, o resultado eleitoral confirma o processo de crise e ruptura de um setor de massas com o PT. Espaço esse que eleitoralmente foi ocupado em parte pelo PSOL. Junto com isso, surfando num ascenso das pautas identitárias, principalmente entre a juventude de classe média, com um programa policlassista, o PSOL teve um importante crescimento eleitoral, não só indo ao segundo turno em capitais como Belém e São Paulo, como ampliando suas bancadas de vereadores.

Isso se dá, no entanto, de forma simultânea a um processo de direitização e adaptação institucional, refazendo, num período mais curto de tempo, o caminho trilhado pelo PT, mas sem contar com o lastro social do petismo. Em São Paulo, por exemplo, Guilherme Boulos se esforça para suavizar sua imagem e seu programa, tentando dissociar-se das ocupações do



movimento de sem-teto e da pecha de "radical" para aparecer mais como um filho de classe média preocupado com questões sociais, reunindo-se com grandes empresários na Associação Comercial de São Paulo e acenando para uma gestão que governe em comum acordo com a burguesia.

ELEIÇÕES

Enfrentando regra eleitoral antidemocrática, PSTU apresentou alternativa revolucionária e socialista

DA REDAÇÃO

O PSTU fez uma forte e vitoriosa campanha eleitoral, mesmo tendo de enfrentar as regras antidemocráticas e o poder econômico. Não nos furtamos da tarefa de apresentar aos trabalhadores e ao povo pobre uma alternativa revolucionária e socialista. Apresentamos um programa que partia das necessidades mais sentidas da nossa classe, pontuando a defesa estratégica do socialismo e da revolução.



Campanha do PSTU em São Jose do Campos, interior de SP



Campanha de Preta Lú em São Luís

Apresentamos candidaturas em 55 cidades do país. Candidaturas operárias, negras, de mulheres trabalhadoras e LGBTs. Milhares de militantes e de ativistas assumiram a campanha, defendendo um programa de classe, revolucionário e socialista.

"Fizemos uma campanha vitoriosa, frente ao desafio de levantar a bandeira do socialismo como única saída à crise do capitalismo, num momento em que a oposição parlamentar defende a democracia burguesa como projeto e limite, defendendo um programa para governar e administrar o capitalismo em crise", ressalta Vera, operária e primeira mulher negra candidata à prefeitura de São Paulo.

O professor e ativista do movimento negro Hertz Dias destaca os setores e lugares nos quais foi realizada a campanha do PSTU. "Nossa campanha foi realizada na periferia, nas fábricas e nas ocupações, bem como junto a trabalhadores da saúde, de transportes e tantos outros. Conseguimos reunir operários, trabalhadores e setores marginalizados e oprimidos a nossa classe", disse o candidato a prefeito de São Luis (MA).

UMA CAMPANHA AGUERRIDA

Essa foi a primeira eleição na qual o PSTU foi totalmente excluído do horário eleitoral na televisão, resultado das regras cada vez mais antidemocráticas, e vetado da grande maioria dos debates. Juntando isso à abissal desigualdade da distribuição do fundo eleitoral e as doações milionárias que irrigaram as demais candidaturas, o partido enfrentou uma situação de quase semilegalidade na prática. Mas isso não impediu que o PSTU movesse alguns milhares de ativistas pelo país, aproximando lutadores interessados em discutir socialismo e se organizar.



Patricia, candidata a prefeitura de Mariana, interior de MG


Campanha de Cyro Garcia no Rio de Janeiro

"Na primeira eleição em que foi totalmente excluído da TV, o partido cumpriu o papel de levantar um projeto socialista. Nossa campanha não se guiou de forma prioritária pela obtenção de votos ou mandatos, pois se assim ocorresse, sacrificaríamos o principal, que é o programa e o objetivo de construir uma alternativa e uma organização revolucionária, transformando-se numa esquerda eleitoral nos limites do sistema", destaca Cyro Garcia, candidato a prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

Isso não quer dizer que não seja importante obter votos. Pelo contrário. O PSTU lutou para ter o máximo de votos possível no marco da defesa do seu programa, sem abrir mão das suas ideias, dentro das limitações impostas pelo poder econômico e das restrições democráticas. Porém, essa não é a medida principal para avaliar a campanha eleitoral dos revolucionários. A medida principal para definir a campanha é a apresentação correta do programa pela a organização revolucionária e o avanço quanto à sua organização, implantação e construção.

"Apesar de uma baixa votação, o PSTU sai da campanha fortalecido, com a militância orgulhosa de fazer parte da luta em defesa do socialismo num momento em que o sistema capitalista oferece apenas a barbárie aos trabalhadores e ao povo pobre", avalia Raquel de Paula, candidata a prefeita da cidade de São José dos Campos (SP).


Campanha do PSTU na Zona Sul de SP



Campanha operária em Belém


Vera, candidata a prefeitura de SP

PERFIL

Uma campanha operária que deu voz aos oprimidos e explorados

A campanha do PSTU deu voz aos setores mais oprimidos e explorados da nossa classe. Com o maior índice entre todos os partidos, 61% das candidaturas do PSTU foram encabeçadas por negros e negras.

"O fato de a nossa militância ter composto chapas de trabalhadores e trabalhadoras com um perfil negro tão acentuado nos causa orgulho exatamente porque vivemos no no país com a maior população negra fora do continente africano e que manteve por mais tempo o crime da escravidão. Esse perfil foi combinado com um programa que apresenta uma saída de classe, socialista e revolucionária para atender às necessidades dos mais explorados e historicamente oprimidos", pontua o petroleiro Ednaldo Sacramento, candidato a prefeito da cidade de Alagoinhas (BA).

Para Preta Lu, candidata a vereadora em São Luís (MA), diferentemente daqueles que querem manter ou aprofundar a lógica excludente e opressiva do sistema capitalista ou dos que pregam a possibilidade de reformá-lo, o centro da campanha foi apresentar uma alternativa socialista.

"Foi uma campanha a serviço da organização do nosso povo. Discutimos a necessidade de aquilombar os de baixo em conselhos populares, comitês de autodefesa, comissões nos locais de trabalho e estudo, associações de moradores nas quebradas e quilombos e todas as formas possíveis", disse Preta Lu.

Mulheres, indígenas e LGBTs

Aquilombar os de baixo também significou combater as opressões e os preconceitos para unificar a classe trabalhadora contra a burguesia, que tenta, de forma permanente, dividirnos com a propagação de um sem número de discriminações e preconceitos para aumentar a exploração.

Por isso, O PSTU se orgulha de ter tido 43% de nossas candidaturas às prefeituras encabeçadas por mulheres (40% entre vereadores); 10% das candidaturas foram encabeçadas por LGBTs; e 4% por indígenas, o maior percentual entre todos os partidos.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Governo vai acabar com auxílio emergencial e jogar milhões na miséria

Ao mesmo tempo que anuncia fim do auxílio, governo promete bilhões em renúncia e incentivo às grandes empresas

RENATA FRANÇA,
DE CAMPINAS (SP)

No dia 12 de novembro, o ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou que seu "Plano A" é acabar com o auxílio emergencial, deixando ao léu 67,2 milhões de brasileiros. Na mesma semana, prorrogou a renúncia fiscal e anunciou liberação de mais dinheiro para os programas de crédito às empresas. O crédito às empresas será liberado sem que os empresários precisem comprovar como vão pagar. Os bancos não perdem nunca, pois o governo assume os riscos de inadimplência.

Com mais da metade da população desempregada, o governo dá ajuda aos grandes empresários sem sequer obrigá-los a parar de demitir. Isso só mostra que é mentira que não tem dinheiro para garantir renda mínima e emprego digno. Só este ano, o governo deixou de arrecadar R$ 330 bilhões em impostos não pagos pelas empresas, um verdadeiro saque dos cofres públicos.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2IOJEIC



PACOTE DE MALDADES

PEC Emergencial e reforma administrativa para destruir os serviços públicos

Após as eleições, Paulo Guedes, com ajuda do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), quer aprovar a PEC Emergencial. Essa PEC permite confiscar R$ 150 bilhões do salário dos servidores e, somada à reforma administrativa, retirar mais de R$ 400 bilhões dos serviços públicos.



A reforma administrativa, que já tramita no Congresso Nacional, vai ser uma das prioridades do governo nesse pós-eleições. Essa medida tem como objetivo destruir os serviços públicos atacando o funcionalismo. Ela altera a forma de contratação e facilita as demissões, acabando, na prática, com a estabilidade. Pretende ainda manter apenas as chamadas "carreira típicas de Estado", como fiscais e procuradores. Justamente a minoria dos servidores e os que ganham mais, relegando os serviços de educação, saúde, habitação, Previdência e pesquisa, que compõem o grosso dos servidores, ao capital privado.

O fim dos investimentos nos serviços públicos e a retirada dos direitos trabalhistas dos servidores está a serviço de seguir pagando a falsa dívida pública que, segundo projeções, deve chegar a quase 100% do PIB brasileiro em 2021. Os mais pobres são os principais prejudicados, pois são os que mais precisam de SUS gratuito, educação pública, aposentadoria, INSS e assistência social para sobreviver.

O pacote de maldades do ministro "posto Ipiranga" também inclui colocar o Brasil à venda. Paulo Guedes quer privatizar as estatais e, com ajuda do ministro (da Destruição) do Meio Ambiente, Ricardo Salles, permitir o saque das nossas riquezas naturais, liberando geral para que o agronegócio e as mineradoras destruam a natureza.

CAPITALISMO

Os de baixo ficam mais pobres para que os de cima fiquem mais ricos

Nos primeiros meses de confinamento, o agronegócio bateu recorde na exportação de carne bovina, vendendo mais de US$ 10,9 bilhões ao exterior. Enquanto isso, 15 milhões de brasileiros entraram em situação de insegurança alimentar.

A pandemia acentuou as desigualdades sociais. Mark Zuckerberg, dono do Facebook, Bill Gattes, da Microsoft, e Elon Musk, da Tesla, mais que dobraram suas fortunas. Já o dono da Amazon, Jeff Bezos, homem mais rico do mundo, ficou 65% mais rico.

No Brasil, segundo colocado no ranking da ONU de países com maior concentração de renda, os 42 bilionários festejaram o aumento de 37% das suas fortunas, enquanto os trabalhadores viram sua renda despencar em 20%! Isso é o capitalismo: um sistema de exploração e opressão no qual o lucro está acima do direito à vida digna e poucos ricos ganham dinheiro com a miséria de milhões.

SUPEREXPLORAÇÃO

Medidas do governo aumentam o desemprego, rebaixam salários e retiram direitos

O aumento do desemprego ataca toda a classe trabalhadora. Os 79 milhões que estão fora do mercado de trabalho são arrastados para a informalidade ou obrigados a trabalhar mais para ganhar menos. Os que continuam empregados são pressionados pela patronal a aceitar redução de salários e direitos. De acordo com o IBGE, a maioria dos acordos salariais firmados em 2020 não garantiu nem sequer a reposição da inflação (63,4%) e 11,6 milhões de pessoas tiveram redução salarial.

As medidas criadas pelo governo com o falso discurso de manter os empregos, como a MP 936 e a carteira verde e amarela, na verdade geram mais demissões, pois, ao legalizar empregos sem direitos, os patrões demitem os que ganham mais e contratam trabalhadores precarizados. Dessa forma, impõe-se um regime de superexploração.

MEDIDAS

Emprego com direitos e salário digno! Saúde pública! Em defesa da soberania!

A catástrofe social que assola o país é fruto da crise capitalista que já existia, mas teve seus efeitos aumentados e acelerados pela pandemia, porque os ricos não aceitam rebaixar seus lucros. O banquete destes senhores é pago com o sacrifício e o empobrecimento da maioria. Bolsonaro, agente fiel dos grandes empresários, dos banqueiros e do agronegócio, aumenta a exploração, a opressão e a entrega do país para manter os seus privilégios. Não vamos pagar essa fatura.

É preciso exigir:

• revogação das reformas da Previdência e trabalhista e da Lei das Terceirizações;

• emprego digno para todos com direitos;

• revogação imediata da Lei do Teto de Gastos para investir nas áreas sociais;

• não à reforma administrativa e às parcerias público-privadas;

• nenhuma reforma tributária que aumente impostos sobre salários; é preciso taxar os bilionários e as remessas de lucro.

BASTA

Abaixo o racismo e todas opressões

O maior fator de risco da COVID-19 no Brasil não foi a idade, mas a raça e o CEP. Os negros das periferias, sem condições econômicas para cumprir a quarentena e sem acesso à saúde pública, são os que mais morrem. Os negros e as negras, as mulheres e as LGBTIs, que já ocupavam os piores postos de trabalho, foram os primeiros a serem demitidos e passaram a compor as fileiras da informalidade, aqueles que trabalham hoje para comer amanhã.

Aos capitalistas, não interessa acabar com o racismo, o machismo e a lgbtfobia, pois aproveitam a opressão para superexplorar toda a classe trabalhadora. Para acabar com a opressão, precisamos unir na luta trabalhadoras e trabalhadores, negras e negros, povos originários e LGBTIs para golpear juntos a burguesia e pôr abaixo este sistema de exploração e opressão.

DE ONDE SAI A GRANA

Tirar dos ricos para combater a fome e o desemprego e garantir nossa soberania

Uma pesquisa da Oxfam mostrou que, este ano, as 32 maiores multinacionais lucraram US$ 109 bilhões a mais que nos últimos quatro anos. Essas grandes empresas nadam em dinheiro superexplorando os trabalhadores e saqueando os países semicoloniais.

No Brasil, o capital estrangeiro controla 60% da economia. A produção industrial nacional foi desmontada, e o país se tornou mero exportador de commodities (petróleo, minérios, soja e milho), aumentando sua dependência.

É possível garantir emprego com salário digno e direitos; acesso à saúde, à educação e à moradia para todos; igualdade para mulheres, negras, negros e LGBTIs; bem como prorrogar e aumentar o auxílio emergencial. Basta tirar o dinheiro de onde está concentrado: nas mãos dos bilionários, das multinacionais e dos banqueiros, e pôr fim ao domínio dos países imperialistas:

• taxação em 40% das grandes fortunas e expropriação das 100 maiores empresas para manter o auxílio emergencial e criar empregos com direitos;
• proibição das privatizações e reestatizar as estatais que foram entregues de forma covarde aos imperialistas, sem qualquer indenização, e colocá-las sob controle operário;
• estatização do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores e criação de um banco único para financiar obras públicas de infraestrutura nas periferias, saneamento básico, construção de moradias, escolas, postos de saúde e hospitais;
• suspensão imediata do pagamento da dívida pública e auditoria;
• expropriação do agronegócio e reforma agrária para garantir soberania alimentar.

GOVERNO SOCIALISTA APOIADO EM CONSELHOS POPULARES

A burguesia brasileira é covarde, frágil e submissa ao imperialismo. Não será agente de qualquer mudança estrutural, pois se preocupa apenas com a manutenção dos seus lucros ainda que seja à custa de milhares de mortos e famintos na pandemia.

Não é possível negociar reformas para humanizar esse sistema podre com esses senhores herdeiros da casa grande. Só a classe operária organizada, junto com povo pobre e os oprimidos, por meio de conselhos populares, é capaz de impedir o avanço da miséria e a barbárie. Aqueles que produzem toda a riqueza devem controlar e planejar a produção, para colocar os recursos e a tecnologia a serviço das necessidades da maioria.

SUPEREXPLORAÇÃO



Construir uma greve geral para botar para fora Bolsonaro e Mourão

Os de baixo não aguentam mais viver com desemprego, fome e superexploração. A bomba pode explodir, como nos EUA, no Chile, na Bolívia e na Nigéria, pois cresce a bronca contra o governo.

Os trabalhadores devem exigir das direções das grandes centrais sindicais que não tenham nenhuma confiança no empresariado, pois não estamos no mesmo barco. Não é tarefa das centrais sindicais pedir mais ajuda às empresas, como fizeram nas manifestações em Brasília. É necessário apostar na mobilização independente dos patrões, como faz a CSP-Conlutas.

É preciso unificar os de baixo na luta, impulsionar a auto-organização e construir as condições para convocar uma greve geral que coloque para fora Bolsonaro, Mourão e toda sua corja.

EUA

Trump foi derrotado, mas Biden é o velho imperialismo

DA REDAÇÃO

Donald Trump foi derrotado em sua tentativa de se reeleger como presidente dos Estados Unidos. Desde que Joe Biden foi declarado vencedor, Trump ainda se recusa a reconhecer a derrota e faz acusações infundadas de fraude eleitoral.

Ele também faz uma batalha jurídica para, de alguma forma, reverter o resultado eleitoral. Tudo isso aprofunda a crise de legitimidade do sistema eleitoral bipartidário que tanto democratas quanto republicanos estão desesperados para resolver.

NADA VAI MUDAR

Biden é, em grande parte, o candidato do establishment para restaurar a normalidade, ou seja, a ordem do país e da democracia neoliberal, uma democracia com a qual um número crescente de estadunidenses está desiludido e que continua decepcionando grande parte da população. O principal objetivo dos democratas nesta eleição era tirar Trump sem oferecer um programa para realmente resolver as crises do sistema de saúde, a pandemia da COVID-19, a profunda crise econômica, a devastação ecológica e ambiental e a injustiça racial com a violência e a repressão do Estado.

O que fica evidente com o resultado eleitoral é que o Partido Democrata não apresentou nenhuma solução significativa para as necessidades da classe trabalhadora e do povo oprimido. É por esse motivo que não ocorreu uma onda de votos em Biden. Ele concorreu com o programa mais conservador que os democratas podiam ter e foi o candidato do partido que sempre traiu suas promessas.

NENHUMA CONFIANÇA EM BIDEN

Depois da vitória de Biden, há pressões massivas por uma unidade para tirar o país e o regime da crise restaurando a legitimidade do sistema bipartidário; barrar o questionamento ao caráter burguês da democracia e à legitimidade do colégio eleitoral; e limitar a capacidade dos partidos independentes da classe trabalhadora de participar nas eleições.

Como se não bastasse, muitas pessoas têm dificuldades para votar devido a barreiras como impossibilidade de sair do trabalho, obstáculos burocráticos no processo de registro eleitoral, falta de informação entre outras. Vale lembrar que atualmente existem 44,5 milhões de imigrantes ou não cidadãos vivendo e trabalhando nos Estados Unidos que não têm direito a voto. Eles constituem 13,7% da população total. A estes, temos de adicionar entre 6 a 12 milhões de imigrantes sem documentos. Tudo isso demonstra o profundo caráter antidemocrático do processo eleitoral dos Estados Unidos.



LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3KJSR4D

O Partido Democrata já deu provas de que vai evitar qualquer desafio aos poderosos. No governo Obama, os bancos e Wall Street foram salvos com dinheiro público, enquanto os trabalhadores tiveram corte de salário, insegurança no emprego e serviços públicos subfinanciados. Foi a frustração com os Democratas que levou à eleição de Trump em 2016. Porém, após um período com Trump no poder, os interesses da classe dominante jogaram seu peso em Biden, visto por eles como um representante mais tradicional da política do país.

Biden foi senador por mais de quatro décadas e foi o vice de Obama nos oito anos de seu governo. Durante esse tempo, deixou explícito que é um representante do capitalismo imperialista dos EUA, como evidenciado por seu apoio ao encarceramento em massa promovido pelas leis de Bill Clinton; ao desmantelamento do estado de bem-estar; às guerras no Iraque e no Afeganistão; aos acordos de livre comércio; ao resgate financeiro de Wall Street; e às deportações em massa de imigrantes. Sua vice, Kamala Harris, foi procuradora-geral da Califórnia e tem responsabilidade direta pelo aumento das prisões para negros e latinos.



DECISÃO

O fator decisivo será a luta de classes



O destino da situação política nos EUA será definido pela luta de classes. Os trabalhadores enfrentam uma emergência em quatro frentes: sanitária, econômica, social e ambiental. Nem Trump nem Biden têm uma solução real para isso.

"Nosso único caminho a seguir é organizar e lutar por nossa sobrevivência e, no curso de nossa luta, construir as ferramentas de nossa emancipação: organizações independentes e democráticas da classe trabalhadora (precisamos retomar nossos sindicatos!) e a organização de um partido político independente que esteja enraizado na nossa classe e nas suas lutas, que ganhe experiência nas conquistas operárias e que possa propor uma saída independente, uma saída socialista", diz uma nota do Workers' Voice (Voz dos Trabalhadores), organização filiada à LIT-QI nos Estados Unidos.

A tarefa mais importante da esquerda dos EUA é a construção de um partido independente da classe trabalhadora com uma nítida política e um programa de classe. Todas as tentativas de reformar o Partido Democrata e transformá-lo em partido da classe trabalhadora continuarão fracassando, pois esse é um partido essencialmente burguês e imperialista. O apoio descarado do movimento de Bernie Sanders à campanha de Biden apenas fornece novas evidências disso.

ULTRADIREITA

O trumpismo acabou?

O trumpismo é produto da crise política e economia dos EUA e apela aos brancos pobres que se sentem esquecidos pelo sistema. O discurso pós-eleitoral de Trump tenta apresentar a ideia de que ele é um defensor dos empregos de um setor da classe trabalhadora, enquanto Biden é o candidato de Wall Street e dos banqueiros. O trumpismo também se apoiou no racismo, no machismo e no ódio às LGBTs. Por esse motivo, muitos grupos fascistas são atraídos e animados por Trump.

O trumpismo e o populismo de direita não terminaram com a derrota de Trump. Ao contrário, aumentou sua base eleitoral, mesmo após quatro anos de um governo desastroso, obtendo mais de 70 milhões de votos (7 milhões a mais que da última vez).

Esses votos não foram apenas de eleitores brancos da classe trabalhadora, mas também de um setor dos trabalhadores latinos na Flórida, em especial aqueles de origem centro-americana, cubana e venezuelana, devido à agitação de Trump sobre os perigos da "esquerda radical" e à sua estreita relação com o cristianismo evangélico por meio de Mike Pence, seu vice-presidente.

Trump continuará sendo uma força política importante dentro dos Republicanos. Ainda não está definido se manterá o controle ou não sobre o partido. O que se demonstra óbvio é que o trumpismo é expressão decadente do capitalismo e só poderá ser derrotado pela construção de uma alternativa de organização independente dos trabalhadores.

PERU



Presidente interino do Peru se demite após manifestações

O Peru vive dias de intensa mobilização. No último dia 15, o presidente interino do país, Manuel Merino, pediu demissão depois de grande pressão nas ruas. A saída de Merino ocorreu apenas cinco dias após ter assumido o cargo na sequência da aprovação parlamentar da destituição de Martín Vizcarra do cargo de presidente. Vizcarra sofreu impeachment depois de uma acusação de corrupção e foi substituído por Merino com a aprovação do Congresso.

A crise política se agravou de forma considerável depois da forte repressão policial no centro da capital Lima. Nos dias anteriores à renúncia, o país foi marcado por inúmeros protestos que resultaram na morte de dois manifestantes e pelo menos 68 feridos. Pressionado pelas manifestações, o Congresso anunciou que, caso Merino não se demitisse, marcaria uma sessão para afastá-lo.

O Peru foi castigado pela crise sanitária e econômica. Cerca de 90 mil mortes foram registradas devido à COVID-19, enquanto milhões de trabalhadores perderam seus empregos. Vizcarra tem responsabilidade direta sobre essa trágica situação.

Já o governo Merino nasceu com uma importante rejeição que o tornou mais frágil que Vizcarra. A ordem de repressão às manifestações foi o fim da linha para ele.

mural

25 DE NOVEMBRO

Pelo fim da opressão e da exploração!

Em 25 de novembro de 1960, na República Dominicana, as irmãs Mirabel foram assassinadas por enfrentar a ditadura do país. Passados quarenta anos de sua morte, a ONU decretou essa data como Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. O 25N passou a ser um dia de luta para denunciar e exigir dos governos e da sociedade medidas concretas para garantir às mulheres uma vida livre da violência

Lamentavelmente, no próximo 25 de novembro, as mulheres não têm nada a comemorar. Primeiro porque o machismo e a violência, longe de retrocederem, aumentam de forma sistemática, vitimando mais e mais mulheres. Dados da ONU e da OMS apontam que uma em cada três mulheres no mundo já sofreu violência física ou sexual e 60 mil mulheres morrem por ano vítimas de feminicídios; quase metade delas, pelos próprios parceiros ou por um homem da família.

No Brasil, o discurso de ódio e machista de Bolsonaro reforça a opressão às mulheres e potencializa a violência. Tudo isso fortalece a cultura do estupro e a naturalização da violência contra a mulher. Recentemente vimos, por exemplo, cenas do julgamento do caso Mariana Ferrer, que foi estuprada pelo empresário André de Camargo Aranha, em dezembro de 2018, em Florianópolis (SC). Na audiência, Mariana foi agredida verbalmente e humilhada pelo advogado do estuprador. O juiz e o representante do Ministério Público (MP) assistem a tudo com indiferença. No final, o juiz absolveu o réu, fazendo viralizar a expressão “estupro culposo”, criada pelo The Intercept Brasil, que representou muito bem a decisão do juiz.

Outro caso absurdo foi o do jogador Robinho, condenado desde 2017 pela justiça italiana por envolvimento num caso de estupro coletivo. Mesmo assim, o jogador foi contratado pelo Santos, e só uma intensa mobilização pública fez com que o clube recuasse.



O capitalismo decadente submete cada vez mais as mulheres à opressão e à violência. Isso serve para dividir a classe trabalhadora e superexplorar uma parte dela, as mulheres. Por isso, a luta contra o machismo e a violência não é uma tarefa só das mulheres, mas do conjunto da classe trabalhadora e deve ser tomada como parte da luta para destruir o sistema capitalista.

DENÚNCIA

Advogado defensor de indígenas é ameaçado no Maranhão

No dia 11 de novembro, o advogado da CSP-Conlutas Waldemir Soares Jr. foi intimidado por um grupo de pessoas armadas durante reunião sobre o processo de demarcação de terra do território dos indígenas de Tremembé do Engenho, no Maranhão. Waldemir foi ameaçado, e a reunião só aconteceu após os indígenas expulsarem os invasores. No entanto, para se retirar do local, ele precisou ser escoltado por moradores do território.

Recentemente, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux, por meio de liminar, determinou a suspensão da reintegração de posse da área ocupada pelos indígenas. O advogado foi até o local para, junto com os indígenas, definir os próximos passos após essa decisão.

O povo Tremembé da cidade de São José de Ribamar luta por demarcação do território e reitera que o direito à terra é uma luta legítima. Exige ainda que as autoridades locais investiguem o caso e punam os responsáveis. O Opinião presta todo apoio à luta dos indígenas, expressa sua solidariedade a Waldemir e repudia as ameaças contra ele, que foi impedido de realizar a reunião.



O advogado Waldemir com indígenas Tremembés do Engenho

O CAVEIRÃO DO AGRONEGÓCIO

Tecnologia israelense a serviço do latifúndio

No dia 26 de novembro, ocorrerá a Amazon Tech, um evento no qual serão apresentadas “tecnologias israelenses para o desenvolvimento sustentável da Amazônia”. No evento, estará presente o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, ao lado do vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão, além de empresários e “especialistas”.

O objetivo, segundo o presidente da Câmara Brasil-Israel, é apresentar “ferramentas tecnológicas que deram certo em diversos setores de Israel” e que, segundo ele, serão oferecidas no país ao “agronegócio e à sustentabilidade do meio ambiente”.

A feira é, em primeiro lugar, uma cortina de fumaça realizada por Israel para ocultar seus crimes sobre o povo palestino. Dizem que vão ajudar a defender a Amazônia e a sustentabilidade, enquanto historicamente praticam crimes contra os palestinos e seus territórios; rouba as áreas de cultivo palestinas e seus recursos naturais e derrubou milhares de árvores, usurpando terras férteis palestinas para a construção de colonatos.



Em segundo lugar, a tal da tecnologia para supostamente defender a Amazônia é uma tecnologia militar usada pelos soldados de Israel contra os palestinos adaptada ao uso civil. Por exemplo, inclui drones que servirão para que fazendeiros do agronegócio monitorem áreas de seu interesse, como as comunidades tradicionais camponesas e indígenas – vítimas da violência do latifúndio.

Os drones e outras tecnologias que matam na Palestina, oferecidos por Israel supostamente para monitoramento do desmatamento no Brasil, podem servir ao controle do território pelo agronegócio, ao extermínio de indígenas e à grilagem de terras por latifundiários na Amazônia legal, assim como o caveirão israelense, nas mãos do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) no Rio de Janeiro, serve ao genocídio de negros e pobres nas favelas.

NOVEMBRO NEGRO

Por uma rebelião contra o racismo, a pandemia e o desemprego

SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU

Novembro é o mês conhecido como Novembro Negro em referência a importantes lutas e em memória do calendário da negritude: Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado no dia 20, em homenagem à imortalidade de Zumbi dos Palmares e à Revolta da Chibata, rebelião de marinheiros negros liderada por João Cândido ocorrida em 22 de novembro. Soma-se a esse calendário o Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher, no dia 25, em memória das irmãs Mirabel, assassinadas durante o enfrentamento contra a ditadura de Trujillo na República Dominicana (leia na página 15).

Esses três episódios também trazem à tona o assassinato violento de negros e negras que buscavam a liberdade coletiva de seu povo. A forma violenta como o Estado trata quem luta está presente até os dias de hoje. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil e temos uma população encarcerada de mais de 800 mil presos segundo dados do Banco de Monitoramento de Prisões, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), de 2019.

Em relação às mulheres, o Atlas da Violência destacou que o Brasil teve uma mulher assassinada a cada duas horas em 2018, um total de 4.519 vítimas, das quais 68% são negras. Portanto, chegamos à triste conclusão: há uma política genocida para negros e negras no país.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/33HE0Z9



RACISMO E CAPITALISMO

Uma combinação cruel para negros e trabalhadores



Chegamos ao Novembro Negro em meio à crise econômica e à pandemia da COVID-19. No Brasil, alcançamos a triste marca de 166 mil mortos e 5,8 milhões de contaminados, sendo a maioria de negros e pobres.

Bolsonaro chamou o vírus de "gripezinha" e justificou todo o seu descaso com a preocupação com a economia do país. O que vemos hoje, porém, é que ele não deu atenção para nenhuma das duas coisas. Afinal, não só o número de mortos e contaminados aumentou, como o desemprego e a inflação foram às alturas.

Entre maio e julho deste ano, o desemprego atingiu a marca de 13,8%. Isso representa 13,1 milhões de pessoas desempregadas e 5,8 milhões de trabalhadores desalentados que já não veem possibilidades reais de emprego.

Em meio a esse cenário de pandemia e desemprego, os trabalhadores enfrentam ônibus, trens e metrôs lotados sob o risco constante de contaminação. Como se tudo isso não bastasse, o preço dos alimentos disparou, e o auxílio emergencial, que já era insuficiente, caiu para R$ 300 e vai ser pago só até dezembro.

No entanto, se para os trabalhadores a pandemia e a crise têm tirado vidas e empregos, para os ricos, a história é outra: tornaram-se super-ricos! Neste período, 42 ricaços ampliaram suas fortunas, chegando a um ganho de R$ 175 bilhões.

Enquanto milhares de pequenos comerciantes foram à falência, os bancos tiveram lucros astronômicos. Enquanto os trabalhadores de aplicativos estão se matando de trabalhar e recebendo uma miséria em troca, as empresas de aplicativos (iFood, Uber, 99 etc.) faturaram como nunca! Enquanto milhões de trabalhadores estão desempregados, endividados e com nome sujo na praça, as igrejas tiveram suas dívidas de mais R$ 1 bilhão perdoadas, num acordão envolvendo Bolsonaro e a bancada evangélica.

A NECESSIDADE DA LUTA

Ondas de manifestações ocorreram nos EUA contra o racismo e a violência policial. Recentemente, vários protestos se espalharam por países africanos: Zimbábue, Mali, Sudão, Quênia, Tanzânia, Angola e Nigéria. Na Nigéria, por exemplo, os protestos vão desde as manifestações das mulheres que denunciam a opressão, até os operários reivindicando questões salariais, os profissionais de saúde que denunciaram a situação de trabalho e o povo pobre destacando as mazelas capitalistas.

Neste Novembro Negro, devemos espelhar-nos nas lutas históricas e atuais do nosso povo em diferentes países do mundo. Precisamos derrubar a ultradireita racista que se alojou nas estruturas do Estado e quer negar a nossa história. É importante colocar para fora Bolsonaro, Mourão e Sérgio Camargo, da Fundação Palmares, uma instituição importante de fomento à cultura afro-brasileira.

MARCHA DA PERIFERIA

Em várias cidades está sendo construída a Marcha da Periferia nos bairros e quebradas, com o lema "Por uma rebelião contra o racismo, a pandemia e o desemprego". Nós do PSTU convidamos a todos os negros e pobres trabalhadores a se somarem a essas atividades.